

PARA DANÇAR FORRÓ EM PEDRA PRETA

Por Doriedson Alves de Almeida*

Quarta, 12/03/03, 10 da noite. Esse último texto-exercício tá difícil de sair, é que andei meio enamorado por esses dias, mas já passou, às vezes a impressão que tenho é que ou as mulheres querem dilacerar meu coração, ou então não me faço compreender, mas talvez o problema é que elas não me entendem mesmo.

Mas vamos deixar esse papo de lado, pois como diz um colega baiano antes dar azar que dá a zé, então já tô acostumado com essas coisas, só não dou a zé. Vamos ao que interessa.... Andei fazendo umas leituras diagonais sobre métodos indiciários enquanto ouvia Gonzagão, Jackson do Pandeiro, Trio Virgulino e outros forrozeiros mas novos, e é claro, tentando dançar forró lá em Pedra Preta. Para quem não sabe, esse é o significado da palavra Itaúnas no velho e bom idioma Tupi-guarani. Enquanto momo reinava e eu deliciava-me nas páginas de Jubiabá, romance de inspiração indiciária, escrito por Jorge Amado aos 23 anos e que o fez conhecido em Paris e em outras paragens mundo afora, o bicho pegava por essas bandas para alguns pilantras que outrora pensavam ser he-mans capixabas. He-mans só existem em gibi e nossa terra não é fruto da imaginação de cartunistas. Por ora deixemos esses pilantras ver o sol nascer quadrado e vamos ao que interessa....

Lançado na França em 1933 com o nome de Bahia de Tous les Saints, e, com elevado número de edições, Jubiabá foi traduzido em toda Europa e provocou furor no mundo literário brasileiro de então, também não era para menos, o romance é um verdadeiro mergulho na alma e na mentalidade de baianos e baianas, especialmente os humildes e os que perambulavam belos becos, ruas e vielas da senhoril, multicultural, negra, bela e sensual Salvador do início da década de 30. O escritor consegue através de seus personagens e estilo literário realizar uma verdadeira incursão na cosmogonia da capital baiana. Seu estilo não deixa dúvidas, para construir seus personagens, Amado necessariamente precisara de usar técnicas indiciárias, tamanha a riqueza de detalhes com que narra

as aventuras de Baldo, seu bando e seus amigos pelas ruas da antiga capital do império. Mas ao ler o primeiro romance de grande sucesso do escritor, que já descrevera tão bem o universo cacauero em suas obras anteriores: Cacau e Suor, fico surpreso, pois parece que ele escreve falando da Salvador de hoje, como se o tempo teimasse em não passar, tamanha as similitudes entre as cidades: a Salvador do tempo dos bondes; e, a Salvador cibernética de popó (lutador que teve mais sorte que Baldo e venceu a miséria a socos) e do axé.

Essa minha última viagem prometia, momo solto e pilantras desfilando enjaulados em reluzentes carruagens pela ilha de vitória, sirene aberta, eu, que não cabia em mim de tanta felicidade, quase eufórico, era como se gritasse vivas silenciosos, como Baldo na porta do Lanterna dos Afogados, ao enxergar um comboio que transportava um desses pilantras travestidos de políticos, sirenes abertas como quem avisasse aos ilhéus: Uóóóó, Uóóóó, Uóóóóóóóó..... Parecia até o prenúncio de um novo tempo. Rumemos ao norte para vila de Itaúnas.

Bagunças no ônibus... conversas com a garotada, sono, asfalto e sem avisar o saculejo da estrada esburacada e empoeirada, última etapa até chegarmos àquele paraíso ecológico, onde na última década o fórró foi revivado e virou mania nacional. Juro que gostei de mais essa incursão por aquela terra, confesso: não sei dançar direito não, mas arrisquei alguns passos... Bom mesmo foi poder deliciar me nas histórias de Jorge, entrar no Buraco do Tatu pelos fundos sem apagar o lampeão, mas querendo, e, pacientemente poder caminhar pelo lugar, aprender xadrez na beira do mar, poder prestar atenção na sua gente, seu jeito, seus problemas de ontem e de hoje, e também rever como numa espécie de filme antigo arquivado em minha memória: como aquela região veio tendo a exuberância de sua floresta atlântica dizimada até embrabecer a natureza ao ponto desta, como num gesto de resistência bravia, engolir a vila e ir lentamente formando as dunas que mais parecem um deserto em mimiatura fincado entre eucaliptais, como seu grito de alerta e esbravejamento!!! Como se quizesse dizer: não me maltratam.... Não!!! Cuidado!!! A bugia que o diga.

Essa região, no extremo norte capixaba, já encostada no sul baiano foi palco de muita destruição. Nativos que ali habitavam e a natureza exuberante, todos pagaram muito caro pela ignorância e

ganância de madeiros insensatos, que hoje já não estão por lá. Muitos morreram mas outros migraram para continuar sua saga insana mais ao norte, na floresta amazônica. A começar pelo descobrimento-invasão ocorrido logo ali, a uns quinhentos quilômetros rumo norte. Mesmo com toda destruição, essa região entre a foz dos rios Mucuri e Watu, como os botocudos canibais chamavam o Rio Doce, que sempre foi cobiçada por baianos, mineiros e espiritosantenses, terra que viu nações índias serem dizimadas, que viu os negros chegarem que viu batalhas serem travadas, palco de inúmeras histórias, nem sempre contadas adequadamente, e, algumas até esquecidas, especialmente a história dos nossos antepassados índios e dos negros escravos que ao resistir ou eram dizimados ou escravizados pelos invasores brancos. Séculos depois, agora em ritmo de fôrro, vou tentando juntar fragmentos dessa história observando a vida dos descendentes de negros e índios que ainda teimam em habitar a região e preservar o que sobrou de sua rica cultura.

Ao caminhar pelas ruas da vila, além de deliciar-me com os jamelões e com o andar macio de belas forrozeiras, vindas de todos os cantos do Brasil, ouvir o poeta e cantador Glauco Gazel com sua viola em apresentação exclusiva, interpretando músicos de minha terra, alí estávamos nós, capixabas e espiritosantenses, todos, quase nativos, a dançar forró e a ciceronear as belas brasileiraas forrozeiras. Tivemos tempo também para conversar com o povo: amigos nativos, artesãos andarilhos da beira do mar, malucos de toda ordem, mas acima de tudo brasileiros, malucos ou não, mas brasileiros de alma e coração, esclarecido e cientes das mazelas de seu país e seu povo, nesse momento cumpre-nos conversar, informar e até inventar.... Como no caso da dataglove (luvas usadas em projetos de realidade virtual) mecânica para catadores de latinhas de metal, já previamente concebida mas que teve seu projeto final encerrado nas areias da praia de Pedra Preta.

Para explicar o invento recorreremos a imagens mecatrônicas mentais que talvez só a Ideografia Dinâmica de Levy pudesse dar conta de conceber, para que a mecatronica pudesse projetar e construir, pois a dataglove mecânica traz em seu bojo um pouco de brincadeira, provocação e também sonho na medida em que nada mais é que a expressão do desejo de ver os cientistas, acadêmicos e pesquisadores empenhados numa pesquisa engajada e preocupada com os problemas cotidianos desse bravo e vilipendiado povo. Talvez, com a dataglove mecânica pudéssemos agregar valor ao ofício de

milhares de catadores de lata Brasil afora, pois a lata já seria entregue aos transportadores amassada, eliminando assim atravessadores na logística da reciclagem de metal. Além disso, o volume de latinhas recicladas tenderia a crescer, já que o processo mecatrônico o tornaria mais rápido. Toda essa argumentação em torno dessa invenção que vos parece maluca, é na verdade, volto a dizer: apenas um grito de alerta para estudantes, professores e pesquisadores Brasil afora. Prá que pesquisa, se o fruto dela não melhora a vida de de nossa gente.

Se na Bahia de Baldo a ciência já se preocupasse com as desigualdades e com os problemas do povo de forma mais enfática, hoje nossos problemas não seriam tantos. Mas como pude comprovar pelas ruas e museus da cidade de todos os santos, muito recentemente, desde aqueles tempos muitos acadêmicos já estavam mais preocupados em manter seu status, barrar os avanços conseguidos a duras penas pelo povo e em usar seu conhecimento para sustentar velhas suposições sobre desigualdades biológicas e sociais e sobre a incapacidade dos negros do que em usá-lo para transformar a ciência numa arma para melhorar a vida de hordas de desassistidos, hoje ainda resistem, a academia contemporânea está ainda eivada desses vermes. É verdade que também existiam aqueles que agiam e agem com paixão para aprender, e com responsabilidade, bravura e garra para usar a ciência em defesa e proteção de seu povo, isso em diversas áreas do conhecimento, porém a luta era desigual, talvez hoje, buscando um paralelo com aqueles tempos, vivemos num paraíso da pesquisa, embora saibamos que ná prática as coisas não são bem assim.

Para finalizar esse texto-exercício gostaria de avisar às amiguinhas gaúchas que o forró pé-de-serra está chegando e que o xamego é bom, então gurias aprendam a dançar e venham para Itaúnas me ensinar, só não esqueçam que sou canhoto. Em troca nós as ciceronearemos como já fazemos com as mineirinhas, paulistinhas, baianinhas, carioquinhas, paranaensezinhas, candanguinhas e outras que por aqui aportam, só aprendam uma coisa: dizem por aí que capixaba bom é aquele que facilita o troco, Espiritosantenses são aqueles oriundos do interior, mas isso é só ditado popular, pois os nativos dessa terra, que aos poucos vai eujaulando pilantras e super-heróis fajutos, são todos especialmente capixabas, até aqueles que não nasceram na ilha, mas a têm no coração.

* O autor é mestrando em educação e Informática pelo PPGE/UFES